



Gozo, segregação e trauma na civilização neoliberal

Julio Cesar Lemes de Castro

Orcid: [0000-0002-8961-2104](https://orcid.org/0000-0002-8961-2104)

Pesquisador do Laboratório de Teoria Social, Filosofia e Psicanálise da Universidade de São Paulo / Latesfip-USP (São Paulo, Brasil)

Doutor em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo / PUC-SP (São Paulo, Brasil)

Pós-doutorado em Psicologia Social pela Universidade de São Paulo /USP (São Paulo, Brasil),
em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro /UFRJ (Rio de Janeiro, Brasil),
e Comunicação e Cultura pela Universidade de Sorocaba /Uniso (São Paulo, Brasil)

E-mail: julio@jclcastro.com.br

Resumo: O real, em Lacan, aparece como um resto que escapa inevitavelmente à ordem simbólica e tem um efeito traumático. O sintoma responde ao traumático preservando algo dele, mas ao mesmo tempo o disfarçando. Para isso, ele alia-se à fantasia, na qual o gozo que assinala a irrupção do traumático é projetado no Outro. Na sociedade repressiva da época de Freud, sintoma e fantasia forneciam ao sujeito uma válvula de escape que velava o trauma estrutural. Na sociedade neoliberal contemporânea, o imperativo do gozo torna isso mais difícil e o trauma estrutural mostra-se de maneira mais evidente. Além disso, a segregação em termos de tipo de gozo ou de possibilidade de acesso ao gozo reforça o elemento traumático. O establishment psiquiátrico, contudo, tende a desresponsabilizar o sujeito (e a sociedade na qual ele vive) pelo trauma.

Palavras-chave: Trauma; Gozo; Segregação; Neoliberalismo.

Jouissance, ségrégation et traumatisme dans la civilisation néolibérale: Le réel, chez Lacan, apparaît comme un reste qui échappe inévitablement à l'ordre symbolique et a un effet traumatique. Le symptôme répond au traumatisme en en préservant quelque chose, mais en le masquant en même temps. Pour cela, il s'allie au fantasme, dans lequel la jouissance qui marque l'irruption du traumatique est projetée sur l'Autre. Dans la société répressive du temps de Freud, le symptôme et le fantasme fournissaient au sujet un exutoire qui voilait le traumatisme structurel. Dans la société néolibérale contemporaine, l'impératif de jouissance rend cela plus difficile et le traumatisme structurel apparaît plus clairement. De plus, la ségrégation en termes de type de jouissance ou de possibilité d'accès à la jouissance renforce l'élément traumatique. L'établissement psychiatrique a cependant la tendance à exonérer le sujet (et la société dans laquelle il vit) de la responsabilité du traumatisme.

Mots clés: Traumatisme; Jouissance; Ségrégation; Néolibéralisme.

Enjoyment, segregation, and trauma in the neoliberal civilization: The real, in Lacan, appears as a rest that inevitably escapes the symbolic order and has a traumatic effect. The symptom responds to the trauma by preserving something from it while disguising it. For that, it articulates itself to fantasy, in which the enjoyment that marks the irruption of the trauma is projected onto the Other. In the repressive society of the times of Freud, symptom and fantasy provided the subject with an escape valve that veiled the structural trauma. In contemporary neoliberal society, the imperative of enjoyment hinders this mechanism, thus the structural trauma appears more evidently. Moreover, segregation in terms of the type of enjoyment or the possibility of access to enjoyment reinforces the traumatic element. The psychiatric establishment, however, tends to exempt the subject (and the society where he lives) from responsibility for the trauma.

Keywords: Trauma; Enjoyment; Segregation; Neoliberalism.

Gozo, segregação e trauma na civilização neoliberal

Julio Cesar Lemes de Castro

Real e trauma

Como dimensão da experiência humana, o real, em Lacan, não é natural, preexistente ao simbólico, mas resulta da instituição da ordem simbólica, à guisa de um resto que inevitavelmente lhe escapa. A articulação entre real e simbólico é proposta por Lacan no *Seminário XI* a partir das noções aristotélicas de *tiquê* e *autômaton*, que equivalem respectivamente, *grosso modo*, a acaso e estrutura. A *tiquê* é o “real como encontro – o encontro enquanto ele pode faltar, enquanto ele é essencialmente encontro faltoso” (Lacan, 1964/1973, p. 54). É algo contingente, imprevisto: o exemplo aristotélico na *Física* (II, 5, 197a) é o de um homem que encontra alguém que lhe deve dinheiro num lugar que frequenta apenas ocasionalmente e para onde foi com outra finalidade (Aristotle, 4th century BC/1999, p. 45). Já o *autômaton* é a cadeia significante em ação no inconsciente, por intermédio da qual se repete um evento originário, que consiste justamente em um encontro faltoso, acidental: “O real é o que se acha sempre por trás do *autômaton*” (Lacan, 1964/1973, p. 54). O real emerge fora de uma cadeia simbólica, mas uma cadeia simbólica gira em torno do real.

Por não se inserir nas coordenadas simbólicas vigentes, o real não é passível de representação, não comporta explicação, “não tem um sentido” (Lacan, 1975-1976/2005, p. 134). Estruturalmente, o real assoma como aquilo que é inassimilável pelo simbólico, como um núcleo irreduzível no interior mesmo do simbólico. É o caso do “umbigo” do sonho, que é refratário à interpretação, sendo descrito por Freud (1900/1961a, p. 116) como o ponto “através do qual ele entra em contato com o desconhecido”.

Para Lacan (1975-1976/2005, p. 137-138), “o real, é preciso dizê-lo bem, é sem lei. O verdadeiro real implica a ausência de lei. O real não tem ordem”. A lei, cumpre dizer, está associada à regularidade e à previsibilidade, ou seja, a uma articulação necessária entre certas causas e certos efeitos. Exatamente por isso, descobertas científicas que se propõem a identificar leis na natureza só têm validade quando são passíveis de reprodução. Ora, estando à margem da lei, o real é experimentado como o que não pode ser antecipado, que irrompe de modo inesperado e dramático. Além disso, diferentemente da lei, que é universal, o real apresenta-se de um jeito distinto para cada um – a rigor, o que existe para cada sujeito é **um** real, não **o** real. É nessa linha que se pode entender a afirmação de Lacan, em uma entrevista (Granzotto, 2004): “o real, essa coisa monstruosa que não existe”.

Ainda que se esquite de enquadramentos habituais, entretanto, o real não é, na verdade, inteiramente inacessível. Devido à sua índole fragmentária, consequência da ausência de conexões simbólicas, ele pode ser apreendido fragmentariamente. “O real [...] é sempre um pedaço, um caroço”, logo “só podemos alcançar pedaços do real” (Lacan, 1975-1976/2005, p. 123). Por isso, pode-se sustentar que “o real é o possível esperando que se escreva” (Lacan, 1976-1977, s/p).

O que caracteriza nomeadamente o real é o trauma, modo por excelência pelo qual ele se manifesta: “O real em questão tem o valor do que geralmente se chama de trauma” (Lacan, 1975-

1976/2005, p. 130). É recorrendo ao efeito traumático do real que o ensino lacaniano retoma a concepção freudiana de trauma. Como indica o neologismo "*troumatisme*", proposto por Lacan (1973-1974, s/p), o trauma emerge como um furo (*trou*, em francês) no simbólico. O furo, representado topologicamente pela figura do toro, é uma espécie de falta, mas tem uma conotação mais radical do que a falta. Simultaneamente, o trauma aparece como "*tropmatisme*", porque há nele algo demasiado ("*trop*", em francês), há um acúmulo de excitação, um excesso de gozo. Embora o trauma remeta à pulsão de morte, de acordo com a formulação de Freud (1920/1967) em *Além do princípio do prazer*, ele sempre envolve alguma satisfação, conquanto sob a forma de sofrimento – nele Tântatos mistura-se com Eros.

Incidindo sobre o sujeito abruptamente, a situação traumática pega-o despreparado para suportar o sofrimento que ela embute. A acepção de sofrimento, que já está presente na etimologia do termo – derivado do grego "*traumatikós*" –, remete à ferida. Para Freud (1930/1948b, p. 434):

o sofrimento ameaça-nos de três lados: de nosso próprio corpo, que, destinado à decomposição e dissolução, não pode prescindir nem mesmo da dor e do medo como sinais de alerta; do mundo exterior, que pode enfurecer-se contra nós com forças esmagadoras, inexoráveis e destrutivas; e, finalmente, das relações com outras pessoas.

A existência humana em geral está sujeita a deparar-se fatalmente com circunstâncias traumáticas relacionadas a essas três fontes, à guisa, por exemplo, de doenças, acidentes, catástrofes, crimes, atentados, guerras, traições e separações. São circunstâncias que invadem o cotidiano, transtornando o curso da vida.

Qualquer arranjo simbólico está sujeito ao choque provocado pelo real. O efeito traumático de um evento não decorre de sua natureza e magnitude; um único evento pode ser traumático para uns e não para outros, em função das disposições subjetivas singulares. Ademais, muitas vezes um episódio adquire dimensão traumática para um sujeito *a posteriori*, ao ser confrontado com novos desdobramentos. Isso sucede com o Homem dos Lobos, no qual, especula Freud (1918/1966b), o vislumbre do coito parental não é vivido como traumático imediatamente, mas apenas de maneira retrospectiva, quando sua lembrança é recuperada pela criança. Trata-se aqui do mecanismo temporal da retroação, que se traduz em Freud como "*Nachträglichkeit*" e em Lacan como "*après-coup*", e se refere ao sentido que vem a assumir um acontecimento quando seu impacto é reativado e amplificado por circunstâncias ulteriores. O papel da construção posterior é de tal importância que até a existência da cena primária pode tornar-se nebulosa.

Apesar de materializar-se na forma de eventos, o trauma tem um alcance estrutural. Como observa Lacan (1953/1966a, pp. 260-261), "afirmar sobre a psicanálise ou a história que elas, enquanto ciências, são ciências do particular não quer dizer que os fatos com os quais elas lidam são puramente acidentais, senão factícios, e que seu valor último se reduz ao aspecto bruto do trauma". Se cada uma

das irrupções traumáticas do real é contingente, o fato de que elas ocorrem é um dado de estrutura, que se patenteia através delas.

O alcance estrutural do trauma evidencia-se desde cedo. O bebê humano sente-se desamparado e sem recursos para interagir com o desejo do Outro, que se afigura para ele como opaco e enigmático, adquirindo uma dimensão traumática (Lacan, 1958-1959/2013). Esse enigma é condensado na questão "*Che vuoi?*" ("O que você quer?"), enunciada no romance *O diabo enamorado*, de Jacques Cazotte, de 1772, pelo próprio diabo, como portador de um saber sobre o desejo. Resgatada por Lacan (1960/1966c, p. 815), tal questão desempenha papel central na montagem do grafo do desejo.

O que está no cerne da natureza traumática do desejo é a sexualidade, marcada por um estado contínuo de desequilíbrio. Exemplar nesse quesito é o caso do Pequeno Hans (Freud, 1909/1966a), que tem dificuldade em lidar com o real do corpo: a excitação que experimenta sobrevém como algo sobre o qual ele não tem controle. A desarmonia característica da sexualidade é captada em Lacan (1972-1973/1975b, p. 17) pela máxima "não há relação sexual". Em virtude da dimensão traumática da sexualidade, podemos vincular a chave estrutural do trauma aos conceitos de pulsão e de gozo.

Em última instância, é a linguagem que está na origem do trauma estrutural, devido à ausência de significantes que deem conta da dinâmica pulsional. O trauma consiste em um furo na teia do simbólico. Até em situações em que ele está diretamente relacionado a palavras que tenham marcado explicitamente em algum momento a vida do sujeito, são palavras que afetaram alguém sem que fosse possível atribuir-lhes um significado. Tendo em vista que ele se escora em significantes desconectados de outros, tomados em seu "*motérialisme*" (Lacan, 1975/1985, p. 12), a materialidade bruta das palavras, o trauma reporta-se àquilo que está além da linguagem, que esta malogra em apreender.

Sintoma, fantasia e gozo

Para Freud (1919/1966c, p. 324), "pode-se com razão descrever o recalque, que está na base de toda neurose, como uma reação ao trauma". Por extensão, o mesmo vale para o sintoma, enquanto retorno do recalcado. Apesar da evolução do pensamento de Freud e Lacan, essa ideia atravessa a história da psicanálise. Quando Breuer e Freud (1895/1952, p. 86) enunciam sua célebre frase segundo a qual "as histéricas sofrem principalmente de reminiscências", a referência é aos sintomas histéricos, não aos traumas a eles subjacentes. Na expressão de Miller (1998, p. 51), "o sintoma é a resposta do sujeito ao traumático do real". Isso se passa com Joyce, que, segundo declara Lacan (1975-1976/2005, p. 162), "*symptomatise*" alguma coisa com sua obra. O jogo de palavras "*symptomatisme*", que combina sintoma e trauma, alude à operação psíquica envolvida na transformação do trauma em sintoma. Essa operação pode valer-se de suporte analítico, na medida em que ela interessa à direção do tratamento. É relevante salientar que, se, na neurose, o traumático retorna no simbólico por meio do sintoma, na psicose, a simbolização falha (é esse o sentido da forclusão distintiva da psicose) e o traumático retorna no real por meio de alucinações e delírios (Lacan, 1955-1956/1981).

O trauma corresponde à *tiquê*, ao passo que o sintoma corresponde ao *autômaton*. A resposta do sintoma ao traumático pressupõe uma rearticulação do simbólico. Consoante a fórmula de Lacan (1957/1966b, p. 522), o sintoma constitui-se “entre o significante enigmático do trauma sexual e o termo que ele vem substituir numa cadeia significante atual”. Essa é uma operação de linguagem de jaez metafórico, em que uma coisa toma o lugar de outra. Concomitantemente, há aquilo que Freud (1926/1948a, p. 127) denomina “ganho (secundário) da doença”: o sintoma contém um elemento que vai além do simbólico, um componente de gozo, ainda que em menor escala que o gozo excessivo típico do trauma. Nesse componente – o motor por trás da repetição do sintoma – preserva-se a dimensão traumática do real. Ou seja, o sintoma ocupa uma posição ambivalente entre os registros do simbólico e do real.

Devido a essa ambivalência do sintoma, o real está filtrado nele, aparecendo aí como traumático um disfarce do verdadeiro trauma. No sonho do velório narrado por Freud (1900/1961a, p. 513-514), o traumático do incêndio que ameaça o corpo do filho recobre o traumático da culpa do pai, indicada pela censura emitida pelo filho morto (“Pai, não vê que estou queimando?”). Essa culpa teria uma causa imediata: o pai tinha deixado uma pessoa não adequada para cuidar do caixão, um senhor idoso que adormecera. Mas pode-se presumir uma motivação mais séria: o filho teria tido febre quando adoecera, e o pai não fora capaz de evitar sua morte, fracassando, portanto, no papel de pai. Esse sonho evoca, alvitra Lacan (1964/1973, p. 35), “um mistério que não é nada mais do que o mundo do além, e não sei qual segredo compartilhado entre o pai e esse filho”. Trauma, mistério e segredo remetem aqui ao real no umbigo do sonho.

Para eludir o trauma, o sintoma conjuga-se com a fantasia. Nesta, que alista os préstimos do simbólico e do imaginário para dar conta do real, o gozo que sinaliza a irrupção do traumático é projetado no Outro. Na histeria (no estudo da qual o trauma desponta pela primeira vez na obra freudiana como um conceito importante), fantasias de sedução pelo Outro são frequentes, a ponto de Freud ter acreditado inicialmente que os numerosos relatos a respeito por parte de suas pacientes retratavam cenas que efetivamente aconteceram. Já o obsessivo, em sua fantasia, supõe um gozo insuportável no Outro, do qual é preciso protegê-lo, tal como ele próprio se protege do gozo; é o caso do moralista que fiscaliza incessantemente o comportamento alheio. Não há, assim, um acesso direto ao trauma. A fantasia atua para obstruir a detecção da verdade traumática escondida pelo sintoma – “a fantasia nunca é mais do que a tela que dissimula algo de absolutamente primeiro” (Lacan, 1964/1973, p. 58-59).

É porque o real se localiza além do simbólico que Lacan, na montagem do nó borromeano, ferramenta emprestada da matemática que mostra a articulação entre os três registros (real, simbólico e imaginário), faz com que o anel correspondente ao primeiro passe sobre o anel correspondente ao segundo. Por outro lado, o uso do sintoma e da fantasia para lidar com o trauma é representado no nó pelo fato de que o anel do imaginário passa sobre o do real, e o do simbólico, por sua vez, passa sobre o do imaginário. Trata-se de uma relação de mão dupla, ilustrada pela afirmação de Lacan (1964/1973,

p. 41) segundo a qual “o real suporta a fantasia, a fantasia protege o real”.

O nó borromeano, cabe ressaltar, é uma representação idealizada da articulação entre os registros. Na prática, na organização psíquica de cada sujeito, os três anéis não se articulam de maneira perfeita, sendo necessária a intervenção de um quarto anel, o *sinthoma*. No *Seminário XXIII*, Lacan (1975-1976/2005) examina como isso se dá no caso específico de Joyce, permitindo-lhe evitar a psicose. Mas deve-se considerar que o recurso a um anel adicional acontece normalmente na neurose – é possível inclusive diferenciar as subestruturas neuróticas de acordo com a disposição dos anéis (Dafunchio, 2010). Por ocasião do trauma, no entanto, um dos anéis que compõem o nó de um sujeito pode soltar-se, desencadeando-se então uma crise até que ele consiga produzir um novo enlace e restaurar a amarração entre os registros.

Trauma sob o neoliberalismo

Apesar de possuir um valor estrutural, o trauma pode ser pensado historicamente, dentro de uma perspectiva assumida em *O mal-estar na civilização*. Sem desprezar os riscos de uma transposição de conceitos da clínica para os fenômenos sociais, Freud (1930/1948b, p. 505) lança nessa obra a noção de uma “patologia das comunidades culturais”: algumas formações patológicas poderiam tornar-se prevalentes em “algumas civilizações, ou algumas épocas da civilização” (Freud, 1930/1948b, p. 504).

Fazendo um paralelo com a organização psíquica, podemos ver a história humana como uma sucessão de arranjos simbólicos, alguns mais consistentes, outros menos. Qualquer configuração simbólica mantém-se permeável ao trauma, que equivale a seu resto, sob a forma de mal-estar, e reorganiza-se mediante um novo trauma. Apoiando-nos na famosa leitura do desenho *Angelus Novus*, de Paul Klee, por Benjamin (1940/1991, p. 697-698), poderíamos qualificar a história como uma acumulação de traumas.

Em Freud (1913/1961b), é um evento traumático, o assassinato do pai da horda primordial em *Totem e tabu*, que permite a constituição da ordem simbólica – trata-se do trauma fundamental da espécie humana. Para lidar com esse trauma, são adotados artefatos simbólicos como o totem, que ocupa o lugar do pai, nomeia o grupo e funciona como parâmetro de pertencimento, e o tabu, norma não-escrita que compõe o código legal mais antigo da civilização. Contudo, é somente com a constituição da ordem simbólica que o assassinato do pai se converte, retrospectivamente, em um evento traumático. O resgate da memória do poderoso pai da horda primordial, assinala Freud (1939/1961c, p. 237) em *Moisés e o monoteísmo*, completa-se com a instituição de um Deus único e onipotente pelos judeus. Junto com esse resgate vem à tona um mal-estar difuso, associado ao sentimento de culpa pela morte do pai da horda, cuja expiação demanda um Messias, que se encarna na figura de Jesus Cristo (Freud, 1939/1961c, pp. 243-244). O cristianismo, por sua vez, é elaborado como nova religião por São Paulo com base em um novo evento traumático, o real da crucifixão, que representa uma desarticulação do arranjo simbólico do judaísmo vigente. E, na religião cristã, novamente, há um resto de mal-estar, aquilo que Lacan (1975-1976/2005, p. 85) caracteriza como o

elemento sadomasoquista subjacente ao cristianismo:

A imaginação de ser o redentor, em nossa tradição pelo menos, é o protótipo da pai-versão. É na medida em que há relação do filho com o pai que surge essa ideia tresloucada do redentor, e isso há muito tempo. O sadismo é para o pai, o masoquismo é para o filho.

A história coletiva aparece, assim, como sendo composta por elaborações simbólicas que respondem a eventos traumáticos, tal como ocorre com a história individual. Essa concepção pode ser aplicada ao último século. Freud explana como o trauma da Primeira Guerra Mundial representa a desarticulação do arranjo simbólico anterior: "Parece-nos que nunca antes um evento destruiu tanto dos preciosos bens comuns da humanidade, confundiu tantas das inteligências mais claras, rebaixou tão completamente o que há de mais elevado" (Freud, 1915/1946, p. 324). Esse evento o afetou pessoalmente de diversos modos e – sobretudo em razão das neuroses traumáticas de guerra – contribuiu para amadurecer sua formulação sobre a pulsão de morte (Freud, 1920/1967). A rearticulação que se segue é bastante insatisfatória, gerando um mal-estar que conduz aos eventos traumáticos do nazismo (que força Freud a exilar-se na Inglaterra) e da Segunda Guerra Mundial. Segue-se uma nova rearticulação no pós-guerra, assente no paradigma keynesiano, que engendra o período de maior crescimento da história do capitalismo. Não obstante, já no final dos anos 1960, Lacan percebe as limitações do arranjo simbólico então em vigor e o mal-estar resultante, antecipando uma nova emergência do traumático, por meio de conceitos como discurso do capitalismo, imperativo do gozo e segregação generalizada.

Enquanto o capitalismo em geral é associado no *Seminário XVII* ao "senhor moderno", presente no discurso da universidade (Lacan, 1969-1970/1991), o conceito de discurso do capitalismo (Lacan, 1972/1978) remete à fase tardia do capitalismo, que se consolidou nas últimas décadas. Esse discurso mostra a remoção da barreira ao gozo presente nos demais laços sociais (Castro, 2012). Com efeito, Lacan antecipa duas tendências centrais de nossos dias, o imperativo do gozo e a segregação pelo gozo, ambas com desdobramentos traumáticos. Por isso, em lugar do "mal-estar na civilização" apontado por Freud, talvez hoje seja mais adequado falar em "civilização e seu trauma", como sugere Laurent (2002).

A fase recente do capitalismo está sob a égide do neoliberalismo, que, a partir dos anos 1980, se consolida como o regime de acumulação hegemônico. Sucedendo a experiência keynesiana do pós-guerra, o neoliberalismo firma-se como o "fim do capitalismo organizado" (Lash & Urry, 1987) ou o "capitalismo desorganizado" (Offe, 1985). Ele aprofunda, por conseguinte, a dinâmica de desestabilização permanente emblemática do capitalismo em geral, no qual, conforme o bordão extraído do *Manifesto do Partido Comunista*, "tudo que é estável e sólido desmancha no ar" (Marx & Engels, 1977, p. 465). Ao mesmo tempo, o neoliberalismo constitui um modelo bastante eficaz de racionalidade, num enfoque foucaultiano (Dardot & Laval, 2010). Em outras palavras, é uma modalidade de governo de si e dos outros, que articula a vertente econômica à social e à subjetiva.

A sociedade repressiva da época freudiana ajuda, de certa forma, o sujeito a lidar com o trauma

estrutural, vinculado à pulsão e ao gozo, ao empurrar a sexualidade para debaixo do tapete. Sob a pressão do supereu, estabelece-se uma tensão traumática na esfera da sexualidade. Em princípio, isso poderia indicar a intensificação de um choque, pois aquilo que em si mesmo já tem uma qualidade traumatizante apareceria como tal também graças à repressão. Na prática, todavia, esta atua como uma espécie de biombo que, atendo-se ao sexo como motivo de vergonha ou censura e materializando-se em sintomas, vela o trauma estrutural. Ademais, sob a repressão, o neurótico tende a situar o gozo no Outro através de sua fantasia, isentando-se da responsabilidade por seu aspecto traumático. O que sobra é a sensação de mal-estar que perpassa a civilização. Por outro lado, a repressão está ligada a grandes narrativas, de fundo religioso ou laico, que integram os traumas externos e neutralizam seu impacto: "A História é feita precisamente para dar-nos a ideia de que ela tem um sentido qualquer" (Lacan, 1972-1973/1975b, p. 45).

Na era neoliberal, o eixo de reprodução do capitalismo desloca-se da produção para o consumo. Isso equivale a uma mudança em matéria de estatuto do gozo, ou de "economia libidinal", para usar a expressão de Deleuze & Guattari (1973) e Lyotard (1974). A ética protestante do trabalho, encadeada à moral repressiva, dá lugar aos valores da esfera do consumo. Cada sujeito busca sua própria satisfação, obedecendo à injunção superegóica do gozo destacada por Lacan (1972-1973/1975b, p. 10): "O supereu é o imperativo do gozo: Goza!" Ora, essa instância psíquica que ordena o gozo identifica-se "às figuras que podemos ligar aos traumatismos primitivos" (Lacan, 1953-1954/1975a, p. 118). Sem o anteparo da moral repressiva, o trauma estrutural em tese é evidenciado mais diretamente. Se a repressão do gozo enseja uma válvula de escape mediante o sintoma e a fantasia, com a injunção do gozo isso se torna mais difícil. Destarte, o efeito traumático dessa injunção tende a ser mais intenso que o da repressão.

Com o declínio das grandes narrativas (Lyotard, 1979), a atribuição de dar nexos ao mundo é transferida, na era neoliberal, ao mercado. Entretanto, em contraste com o mercado relativamente estável e homogêneo do pós-guerra, trata-se agora de um mercado flexível e fragmentado ao extremo, no qual cada um é responsável por sua realização pessoal, por meio do investimento em seu "capital humano" (Becker, 1964/1993). A concepção do sujeito como *homo oeconomicus*, que atravessa o capitalismo (Castro, 2017), desemboca na versão neoliberal desse *homo oeconomicus*, o "empreendedor de si mesmo" (Foucault, 1978-1979/2004, p. 232). O empreendedorismo de si pressupõe redefinir-se continuamente num ambiente volátil: a plasticidade da identidade engata-se a um regime de segmentação infinita do mercado (Castro, 2014, p. 196).

Além disso, a exclusão social é promovida pelo acirramento da exploração dos trabalhadores, facilitada pelo enfraquecimento de sua organização e pela internacionalização das cadeias produtivas; pela disseminação de critérios ditos "meritocráticos" a diversas esferas; pela adoção de medidas econômicas austeras, que refletem a hegemonia do setor financeiro; e pela desqualificação de políticas públicas, encaradas como expedientes dos "parasitas" e "saqueadores" contra os "produtores", na linguagem de Rand (1957/1992), autora popular nos círculos neoliberais.

Ou seja, pela via da segmentação (quanto ao tipo de gozo) ou da exclusão (quanto à possibilidade de acesso ao gozo, que na sociedade contemporânea se dá mormente por intermédio do consumo), advém o que Lacan (1968/1969, p. 84) chama de “uma segregação ramificada e reforçada, que produz interseções em todos os níveis e apenas multiplica as barreiras”. Essa segregação generalizada que caracteriza o neoliberalismo apoia-se em sua dinâmica de desestabilização permanente, que envolve inclusive instrumentos de choque, como demonstra Klein (1999/2007). O trauma, portanto, comparece de forma ubíqua no funcionamento do sistema – pode-se até cogitar em uma “era do trauma” (Veras, 2004).

O *establishment* psiquiátrico e o trauma

Pode-se sintetizar a posição do *establishment* psiquiátrico atual face ao traumático considerando que ele o situa fora do sujeito. Uma estratégia para tanto é conectar o trauma a catástrofes de origem natural (como terremotos e furacões) ou humana (como guerras e atentados terroristas). Tal estratégia é favorecida pelo fato de que, diferentemente do que sucedia no passado, agora os agentes externos estão descolados das grandes narrativas que poderiam conferir-lhes significado. Ademais, conjurados por fantasias espetacularizadas de destruição, como os filmes apocalípticos, produzidos por Hollywood, que antecipam os atentados contra as Torres Gêmeas, esses agentes externos parecem ganhar autonomia. Nessas situações, quem está traumatizado é retratado genericamente como vítima ou sobrevivente, sem levar em conta que, como foi mencionado anteriormente, as respostas a situações catastróficas variam de sujeito para sujeito.

Outra estratégia adotada pelo *establishment* psiquiátrico é atribuir o trauma a fatores biológicos que afetam cada um. Essa causalidade é limitada, via de regra, àquilo que pode ser rastreado pelo aparato médico-hospitalar e ser alvo dos tratamentos disponibilizados pela indústria farmacêutica. Aqui está igualmente ausente a implicação subjetiva, pois o trauma é entendido como uma fatalidade de procedência meramente orgânica, que independe de variáveis psíquicas subjetivas, dispensando, por conseguinte, uma investigação sobre essas variáveis e uma terapêutica que as leve em conta.

Do ponto de vista diagnóstico, a dessubjetivação do trauma é viabilizada pelo apelo a critérios estatísticos que não respeitam a realidade específica de cada um, como ocorre no *Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais (Diagnostic and statistical manual of mental disorders, DSM)*, publicado pela Associação Psiquiátrica Americana (American Psychiatric Association, APA), e na *Classificação estatística internacional de doenças e problemas relacionados com a saúde, CID (International statistical classification of diseases and related health problems, ICD)*, publicada pela Organização Mundial de Saúde (OMS). Tendo em mente suas pretensões de abstração, objetividade e mensurabilidade, esses dispositivos guardam uma certa homologia com os mecanismos de preços que definem o funcionamento do mercado. Teórico fundamental do neoliberalismo, Hayek (1945/2010, p. 60) enxerga como modelo de processo racional a maneira como os preços se formam a partir dos *inputs* dos diversos atores:

A Razão humana, com R maiúsculo, não existe no singular, como dada ou disponível a qualquer pessoa em particular, como a abordagem racionalista parece assumir, mas deve ser concebida como um processo interpessoal no qual a contribuição de cada um é testada e corrigida por outros.

Similarmente, os manuais diagnósticos alicerçados em critérios estatísticos distinguem quadros patológicos de não-patológicos com base tão-somente na frequência de determinados traços numa dada população.

Assim, a uma patologia do social que nos dias que correm se enraíza profundamente no contexto do neoliberalismo, acopla-se uma estratégia etiológica e diagnóstica tributária do mesmo contexto. Imputar o trauma a catástrofes ou a fatores biológicos implica ignorar convenientemente o papel desempenhado pelas tensões sociais inerentes ao sistema. Diagnosticá-lo com fundamento em critérios estatísticos significa mimetizar a lógica neoliberal onipresente em outras áreas e contribuir para reforçá-la.

Se o imperativo do gozo corresponde à pressão sobre o sujeito para obter sua própria satisfação e a segregação pelo gozo está associada à pressão sobre o sujeito para obter sua própria realização pessoal, a racionalidade diagnóstica desresponsabilizadora espelha-se no mercado. Esses três ingredientes, típicos da sociedade contemporânea, são sintetizados por Rand (1957/1992, pp. 1170-1171): “Minha filosofia, em essência, é o conceito do homem como um ser heroico, com sua própria felicidade como o objetivo moral de sua vida, com a realização produtiva como sua atividade mais nobre, e a razão como seu único absoluto”.

Por um lado, o sujeito é pressionado a maximizar seu gozo e sua realização pessoal, com consequências traumáticas. Por outro lado, a racionalidade etiológica e diagnóstica exonera-o da responsabilidade pelo trauma que acompanha esse encargo, expediente que serve para isentar de responsabilidade a sociedade em que ele vive. Assistimos na civilização neoliberal, desse modo, àquilo que Laurent (2013, p. 25) designa como “generalização do trauma”, em ambos os sentidos que podem ser atribuídos a tal asserção, pois esse diagnóstico passa a ser aplicado a um número crescente de casos e, mirando fora do sujeito, não tem como levar em consideração a singularidade de cada caso.

Referências Bibliográficas

- Aristotle (4th century BC, 1999). *Physics*. Oxford and New York: Oxford University Press.
- Becker, G. S. (1993). *Human capital: a theoretical and empirical analysis, with special reference to education* (3 ed.). Chicago and London: University of Chicago Press. (Trabalho original publicado em 1964)
- Benjamin, W. (1991). Über den Begriff der Geschichte. In W. Benjamin, *Gesammelte Schriften Bd. I*

- (pp. 691-704). Frankfurt am Main: Suhrkamp. (Trabalho original publicado em 1940)
- Breuer, J., & Freud, S. (1952). Studien über Hysterie. In S. Freud, *Gesammelte Werke, erster Band: Werke aus den Jahren 1892-1899* (pp. 75-312). London: Imago. (Trabalho original publicado em 1895)
- Castro, J. C. L. (2012.). Consumo contemporâneo e discurso do capitalismo. *Lumina*, 8(1), 1-7.
- Castro, J. C. L. (2014). A publicidade contemporânea e o paradigma da perversão. *Comunicação, Mídia e Consumo*, 11(30), 181-198.
- Castro, J. C. L. (2017). Antecedentes do *homo œconomicus* neoliberal. In A. Correia, D. Nascimento & M. C. Müller (orgs.). *Filosofia política contemporânea* (pp. 92-109). São Paulo: ANPOF.
- Dafuncho, N. S. (2010). *Inhibición, síntoma y angustia: hacia una clínica nodal de las neurosis*. Buenos Aires: Del Bucle.
- Dardot, P., & Laval, C. (2010). *La nouvelle raison du monde: essai sur la société néolibérale*. Paris: La Découverte.
- Deleuze, G., & Guattari, F. (1973). *L'anti-Œdipe: capitalisme et schizophrénie*. Paris: Minuit.
- Foucault, M. (2004). *Naissance de la biopolitique: cours au Collège de France*. Paris: Gallimard/Seuil. (Trabalho original publicado em 1978-1979)
- Freud, S. (1946). Zeitgemäßes über Krieg und Tod. In S. Freud, *Gesammelte Werke, zehnter Band: Werke aus den Jahren 1913-1917* (pp. 323-355). London: Imago. (Trabalho original publicado em 1915)
- Freud, S. (1948a). Hemmung, Symptom und Angst. In S. Freud, *Gesammelte Werke, vierzehnter Band: Werke aus den Jahren 1925-1931* (pp. 111-205). London: Imago. (Trabalho original publicado em 1926)
- Freud, S. (1948b). Das Unbehagen in der Kultur. In S. Freud, *Gesammelte Werke, vierzehnter Band: Werke aus den Jahren 1925-1931* (pp. 419-506). London: Imago. (Trabalho original publicado em 1930)
- Freud, S. (1961a). Die Traumdeutung. In S. Freud, *Gesammelte Werke, zweiter und dritter Band: Die Traumdeutung, Über den Traum* (3. Aufl.) (pp. 1-642). Frankfurt am Main: S. Fischer. (Trabalho original publicado em 1900)
- Freud, S. (1961b). Totem und tabu. In S. Freud, *Gesammelte Werke, neunter Band: Totem und tabu* (3. Aufl.). Frankfurt am Main: S. Fischer. (Trabalho original publicado em 1913)
- Freud, S. (1961c). Der Mann Moses und die monotheistische Religion. In S. Freud, *Gesammelte Werke, sechzehnter Band: Werke aus den Jahren 1932-1939* (2. Aufl.) (pp. 101-246). Frankfurt am Main: S. Fischer. (Trabalho original publicado em 1939)
- Freud, S. (1966a). Analyse der Phobie eines fünfjährigen Knaben. In S. Freud, *Gesammelte Werke, siebenter Band: Werke aus den Jahren 1906-1909* (4. Aufl.) (pp. 241-377). Frankfurt am Main: S. Fischer. (Trabalho original publicado em 1909)
- Freud, S. (1966b). Aus der Geschichte einer infantilen Neurose. *Gesammelte Werke, zwölfter Band:*

- Werke aus den Jahren 1917-1920* (3. Aufl.) (pp. 27-157). Frankfurt am Main: S. Fischer. (Trabalho original publicado em 1918)
- Freud, S. (1966c). Einleitung zur Psychoanalyse der Kriegsneurosen. In S. Freud, *Gesammelte Werke, zwölfter Band: Werke aus den Jahren 1917-1920* (3. Aufl.) (pp. 321-324). Frankfurt am Main: S. Fischer. (Trabalho original publicado em 1919)
- Freud, S. (1967). Jenseits des Lustprinzips. In S. Freud, *Gesammelte Werke, dreizehnter Band: Jenseits des Lustprinzips / Massenpsychologie und Ich-Analyse / Das Ich und das Es* (5. Aufl.) (pp. 1-69). Frankfurt am Main: S. Fischer. (Trabalho original publicado em 1920)
- Granzotto, E. (2004). Jacques Lacan: "Il ne peut pas y avoir de crise de la psychanalyse". *Magazine Littéraire*, 428, 24-29.
- Hayek, F. A. (2010). Individualism: true and false. In F. A. Hayek, *Studies on the abuse and decline of reason: text and documents* (pp. 46-74). Chicago and London: University of Chicago Press. (Trabalho original publicado em 1945)
- Klein, N. (2007). *The shock doctrine: the rise of disaster capitalism*. New York: Metropolitan. (Trabalho original publicado em 1999)
- Lacan, J. (1966a). Fonction et champ de la parole et du langage en psychanalyse. In J. Lacan, *Écrits* (pp. 237-322). Paris: Seuil. (Trabalho original publicado em 1953)
- Lacan, J. (1966b). L'instance de la lettre dans l'inconscient ou la raison depuis Freud. In J. Lacan, *Écrits* (pp. 493-528). Paris: Seuil. (Trabalho original publicado em 1957)
- Lacan, J. (1966c). Subversion du sujet et dialectique du désir dans l'inconscient freudien. In J. Lacan, *Écrits* (pp. 793-827). Paris: Seuil. (Trabalho original publicado em 1960)
- Lacan, J. (1969). Intervention sur l'exposé de M. de Certeau "Ce que Freud fait de l'histoire. Note à propos de 'Une névrose démoniaque au XVIIe siècle'", Congrès de Strasbourg, le 12 octobre 1968. *Lettres de L'École Freudienne*, 7, 84. (Trabalho original publicado em 1968)
- Lacan, J. (1973). *Le séminaire, livre XI: les quatre concepts fondamentaux de la psychanalyse*. Paris: Seuil. (Trabalho original publicado em 1964)
- Lacan, J. (1973-1974). *Le séminaire, livre XXI: les non-dupes errent*. Inédit.
- Lacan, J. (1975a). *Le séminaire, livre I: les écrits techniques de Freud*. Paris: Seuil. (Trabalho original publicado em 1953-1954)
- Lacan, J. (1975b). *Le séminaire, livre XX: encore*. Paris: Seuil. (Trabalho original publicado em 1972-1973)
- Lacan, J. (1976-1977). *Le séminaire, livre XXIV: l'insu-que-sait de l'une bévue s'aille à mourre*. Inédit.
- Lacan, J. (1978). Discours de Jacques Lacan à l'Université de Milan le 12 mai. In J. Lacan, *Lacan in Italia 1953-1978. En Italia Lacan* (pp. 32-55). Milan: La Salamandra. (Trabalho original publicado em 1972)
- Lacan, J. (1981). *Le séminaire, livre III: les psychoses*. Paris: Seuil. (Trabalho original publicado em 1955-1956)

- Lacan, J. (1985). Le symptôme. *Le Bloc-Notes de la Psychanalyse*, 5, 5-23. (Trabalho original publicado em 1975)
- Lacan, J. (1991). *Le séminaire, livre XVII: l'envers de la psychanalyse*. Paris: Seuil. (Trabalho original publicado em 1969-1970)
- Lacan, J. (2005). *Le séminaire, livre XXIII: le sinthome*. Paris: Seuil. (Trabalho original publicado em 1975-1976)
- Lacan, J. (2013). *Le séminaire, livre VI: le désir et son interprétation*. Paris: La Martinière. (Trabalho original publicado em 1958-1959)
- Lash, S., & Urry, J. (1987). *The end of organized capitalism*. Madison: University of Wisconsin Press.
- Laurent, É. (2002). Le trauma à l'envers. *Ornicar? digital*, 204.
- Laurent, É. (2013). Le trauma, généralisé et singulier. In S. Chiriaco (ed.). *Trauma: le livret des XLIIes Journées de l'École de la Cause Freudienne* (pp. 24-29). Paris: École de la Cause Freudienne.
- Lyotard, J.-F. (1974). *Économie libidinal*. Paris: Minuit.
- Lyotard, J.-F. (1979). *La condition postmoderne: rapport sur le savoir*. Paris: Minuit.
- Marx, K., & Engels, F. (1977). Manifest der Kommunistischen Partei. In K. Marx & F. Engels, *Werke, Band 4* (pp. 459-493). Berlin: Dietz.
- Miller, J.-A. (1998). Le séminaire de Barcelone sur *Die Wege der Symptombildung*. In Fondation du Champ Freudien (ed.). *Le symptôme-charlatan* (pp. 11-52). Paris: Seuil.
- Offe, C. (1985). *Disorganized capitalism: contemporary transformations of work and politics*. Cambridge: MIT Press.
- Rand, A. (1992). *Atlas shrugged*. (35th ed.). New York: Dutton. (Trabalho original publicado em 1957)
- Veras, M. (2004). La era del trauma. *Virtualia*, 12.

Citação/Citation: Castro, J. C. L. De (nov. 2022 a abr. 2023). Gozo, segregação e trauma na civilização neoliberal. *Revista aSEPHallus de Orientação Lacaniana*, 18(35), 39-51. Disponível em www.isepol.com/asephallus. doi: 10.17852/1809-709x.2023v18n35p39-51

Editor do artigo: Tania Coelho dos Santos

Recebido/ Received: 02/11/2022 / 11/02/2022.

Aceito/ Accepted: 13/01/2023 / 01/13/2023.

Copyright: © 2023. Associação Núcleo Sephora de Pesquisa sobre o moderno e o contemporâneo. Este é um artigo de livre acesso, que permite uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que o autor e a fonte sejam citados/This is an open-access article, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the author and source are credited.